

A Guerra do Giz

O professor José Goldemberg apresentou na USP um estudo no qual, se demonstra que mais de 80% das crianças brasileiras que entram na escola não completam o 1º grau. Este escândalo de evasão e repetência anula a Lei de Diretrizes e Bases, que decreta a obrigatoriedade da escolarização e a boa qualidade do ensino.

Muita gente se debruçou sobre as causas da falência do ensino no Brasil. Já não se aceita a explicação, simplista, de que as crianças nada aprendem porque são carentes ou desnutridas. Mais uma vez, uma outra verdade, dita agora pelo professor Goldemberg, ressurge como explicação para o fenômeno: o currículo é inadequado e os professores, incompetentes.

Segundo Goldemberg, centenas de experiências pedagógicas comprovaram que é possível melhorar substancialmente o rendimento escolar de crianças de baixa renda, desde que as aulas sejam dadas por professores motivados e preparados. Os professores do ensino básico que estão aí são qualificados para alfabetizar a classe social a que pertencem, que é o caso da classe média alta, a das normalistas dos “anos dourados”. Quando postos para alfabetizar o menino da favela, mostram-se desqualificados. Mas quem paga o pato é o favelado, com a reprovação, a repetência, a verdadeira expulsão da escola — punição injusta a quem é vítima e não culpado pelas mazelas do sistema.

Quando, numa pesquisa anterior, professores foram submetidos às provas organizadas para os alunos, os resultados se revelaram vergonhosos. Os próprios mestres não conseguem resultado satisfatório. Como exige-lo dos alunos?

A diferença fundamental é que os alunos são reprovados, os professores não. Todo o sistema de exame final imposto no Brasil é gerado para expul-

sar o aluno. Quando, no Rio, suspendeu-se há pouco a reprovação nas quatro primeiras séries do 1º grau, houve uma grita, embora a pequena reforma tenha sido baseada em modelos adotados na França, EUA, Suécia e Alemanha, por ser a única opção capaz de acabar com os insuportáveis índices de reprovação.

Na Suécia e na Holanda, a avaliação da qualidade do ensino nas escolas é feita, externamente, por um órgão do governo, com testes padronizados, e quem é avaliado é o professor e não o aluno. Na Suécia, a escola primária dura nove anos e somente na 8ª série as crianças são submetidas a testes, escritos e orais.

A culpa pelo descalabro é da sociedade e do governo, que não cobram a qualidade do ensino. Além disto, o próprio ministro da Educação, Murílio Hingel, acaba de reconhecer que dois terços das verbas para o ensino, aprovados pelo governo, não chegam à sua destinação final, as escolas. Isto quer dizer que se gasta em educação no Brasil o triplo do que seria necessário, e, ainda, por cima com os péssimos resultados conhecidos.

O que aumenta em quantidade se perde em qualidade. Mas não há dúvida de que a reforma deve começar pelo professor, porque não existem soluções mágicas e promessas grandiosas para o ensino básico brasileiro, tipo guerra total contra o analfabetismo, mudança no vestibular, instituição do horário integral etc. É hora de voltar os olhos para a qualidade dos professores e deixar de punir, com a expulsão da escola, os alunos mal ensinados. Esta é a verdadeira guerra do giz e do quadro-negro. Bismarck já sabia disto, quando afirmou que os mestres-escolas é que ganharam a guerra franco-prussiana...